

Os fatores que contribuem para que os jornalistas da redação central da Sic editem em vídeo conteúdos informativos

Carlos Canelas

carlos.canelas@ipg.pt

Unidade de Investigação para o Desenvolvimento do Interior e Instituto Politécnico da Guarda

Jorge Ferraz de Abreu

jfa@ua.pt

Universidade de Aveiro e CIC.DIGITAL

Jacinto Godinho

jacintog@hotmail.com

Universidade Nova de Lisboa e CIC.DIGITAL

Resumo

No âmbito do programa doutoral em Informação e Comunicação em Plataformas Digitais das Universidades de Aveiro e Porto, foi desenvolvida uma tese de doutoramento com o título «O Binómio Jornalistas-Editor de Imagem na Produção Noticiosa Televisiva: causas e consequências». Neste artigo apresentam-se e discutem-se os fatores que contribuem para que os jornalistas da redação central da SIC editem em vídeo conteúdos informativos.

Palavras-chave: conteúdos informativos; edição de vídeo; telejornalistas; SIC.

1. Introdução

Nas últimas décadas, os processos produtivos das redações informativas televisivas foram redefinidos. A título de exemplo, os telejornalistas começaram a executar funções e/ou tarefas que eram realizadas por profissionais altamente especializados, como seja a edição de vídeo de conteúdos noticiosos (Cottle & Ashton, 1999; García Avilés, 2006, 2010; Silcock, 2007; Salaverría & García Avilés, 2008; Waldman *et al.*, 2011; Souza Filho & Correia, 2012; Henderson, 2012; Canelas, 2013; Souza Filho, 2015). Neste contexto, na presente comunicação apresentam-se os principais fatores que contribuem para que os jornalistas afetos à redação central da SIC editem em vídeo conteúdos noticiosos.

Os resultados que serão expostos e discutidos derivam do desenvolvimento de uma tese de doutoramento intitulada: «O Binómio Jornalista-Editor de Imagem na Produção Noticiosa Televisiva: causas e consequências» (Canelas, 2013), cujo trabalho académico foi efetuado no âmbito do programa doutoral em Informação e Comunicação em Plataformas Digitais, no Departamento de Comunicação e Arte da Universidade de Aveiro e na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, sob a orientação científica do Prof. Doutor Jorge Ferraz de Abreu e sob

a coorientação do Prof. Doutor Jacinto Godinho. Esta tese foi financiada, através de uma bolsa individual de doutoramento, pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

2. Metodologias

Em termos metodológicos, definiu-se como campo de análise a redação central da SIC, localizada em Carnaxide, uma vez que, entre os operadores generalistas televisivos portugueses, foi a primeira redação informativa onde a edição de vídeo de conteúdos noticiosos foi instituída como uma tarefa a ser executada pelos jornalistas. Esta prática foi implementada na SIC, no ano 2000, na altura em que foi preparado o lançamento do canal televisivo *SIC Notícias*, cujas emissões tiveram o seu arranque no dia 8 de janeiro do ano seguinte. Deste modo, em 2000, foi criada uma redação para a *SIC Notícias*, independente da redação da SIC enquanto canal generalista, e foram os jornalistas da redação do canal noticioso que primeiro iniciaram a edição de vídeo de conteúdos noticiosos televisivos. No caso dos jornalistas que se encontravam afetos à redação da SIC enquanto canal generalista só começaram a editar em vídeo conteúdos informativos a partir de 2003. Neste ano, mais concretamente no mês de novembro, verificou-se a fusão das duas redações numa única redação noticiosa.

Relativamente aos métodos de recolha de dados aplicados na presente investigação, estes foram a entrevista, o inquérito por questionário, a observação direta e a análise documental.

Assim, no que diz respeito às entrevistas, estas foram realizadas na redação central da SIC, nos dias 10 e 11 de novembro de 2011, tendo sido entrevistados os seguintes profissionais da informação: Alcides Vieira (diretor de informação); Domingos Ferreira (coordenador dos editores de imagem); Guilherme Lima (chefe dos repórteres de imagem); Aristides Martins (realizador e ex-formador dos jornalistas no campo da edição de imagem); Jorge Costa (editor de imagem e formador dos jornalista e dos editores de imagem do sistema digital de edição não linear *Sony XPRINS*); Patrícia Moreira (jornalista e formadora dos jornalistas na utilização do sistema digital de edição não linear *Sony XPRINS*).

Por outra parte, de forma a aprofundar-se esta investigação, optou-se por efetuar um inquérito por questionário aos profissionais que participam diretamente na produção de conteúdos noticiosos televisivos na redação em investigação. Desta maneira, a amostra é composta por 69 indivíduos, isto é, 41 jornalistas (de acordo com o diretor de informação da SIC, este valor corresponde aproximadamente a 50 por cento do total dos jornalistas que produzem conteúdos informativos), 15 repórteres de imagem (segundo o chefe dos repórteres de imagem da SIC, este número representa mais de 50 por cento da globalidade dos repórteres de imagem, dado que este setor é formado por 29 profissionais) e 13 editores de imagem (conforme o coordenador dos editores de imagem da SIC, este valor corresponde a 86,7 por cento da totalidade dos editores de imagem, já que este setor é composto por 15 profissionais). Os questionários foram ministrados nos dias 10 e 11 de novembro de 2011.

No que toca à observação direta, muito embora o tempo de permanência na redação central em estudo não tenha sido muito, ainda assim, através da observação direta, existiu a possibilidade de recolher mais alguns dados complementares aos obtidos pelas entrevistas e pela aplicação dos questionários.

No que concerne à análise documental, no decorrer do desenvolvimento da referida investigação, recolheram-se da *web* diversos documentos que mereceram uma análise cuidada, tais como: notícias publicadas por órgãos de comunicação social referentes ao tema em pesquisa; relatórios e contas do Grupo Impresa, do qual faz parte a SIC; entre outros documentos.

3. Resultados e Discussão

Tal como este artigo irá tentar demonstrar, os jornalistas afetos à redação central da SIC editam em vídeo conteúdos noticiosos televisivos devido à conjugação de diversos fatores, como sejam: tecnológicos; organizacionais; económico-financeiros; relacionados com as audiências e concorrenciais.

3.1. Fatores tecnológicos

A tecnologia sempre desempenhou um papel fundamental no jornalismo, na medida em que a produção, a difusão e a receção de conteúdos informativos sempre estiveram dependentes de fatores tecnológicos (Cottle & Ashton, 1999; Pavlik, 2000, 2011; Salaverría & García Avilés, 2008). Como se irá ver já de seguida, os avanços tecnológicos, designadamente a implementação de sistemas digitais de edição não linear de vídeo na redação, baseados, por um lado, em editores de vídeo com interfaces amigáveis e de utilização simples, e, por outro, em servidores de vídeo com grande capacidade de armazenamento e ligados em rede, são fatores determinantes para que os jornalistas editem em vídeo conteúdos informativos televisivos.

De acordo com os dados recolhidos, a generalidade dos profissionais da informação inquiridos ($89,8\% \text{ }^1 = 76,8\% \text{ [sim]} + 13\% \text{ [talvez]}$) considera que os avanços tecnológicos, nomeadamente a disponibilização de um editor de vídeo com uma interface amigável e de uso simples, mas com as ferramentas necessárias para que os jornalistas editem em vídeo os seus conteúdos informativos, contribuem decisivamente para a mudança profissional em estudo. Pelo lado oposto, importa evidenciar que apenas uma minoria (5,8%) é que não reconhece que a disponibilização de um editor de vídeo intuitivo contribui para que os jornalistas televisivos editem em vídeo conteúdos de natureza noticiosa. Esta minoria corresponde a quatro respostas, das quais uma é dada por um jornalista e três por editores de imagem.

Sobre esta questão, o diretor de informação da SIC destaca que os principais fatores que contribuem para que os jornalistas da SIC editem em vídeo conteúdos noticiosos televisivos são os avanços tecnológicos, especialmente o desenvolvimento dos sistemas digitais de edição não linear de vídeo. Neste sentido, na opinião de Alcides Vieira, a edição de vídeo por computador é o que permite que os telejornalistas editem em vídeo, sublinhando que, embora não fosse impossível, através dos sistemas de edição lineares de vídeo, seria muito mais difícil os jornalistas montarem os seus conteúdos informativos televisivos. Por um lado, seria necessário investir em novas máquinas de montagem e, por outro, o processo de aprendizagem seria muito mais difícil por parte dos jornalistas.

1. Este valor corresponde à soma dos valores das respostas “sim” e “talvez”, uma vez que a resposta “talvez” foi interpretada como um “sim”, mas sem terem a certeza.

Para o diretor de informação da SIC, os atuais sistemas digitais de edição não linear de vídeo são tão acessíveis que não “roubam” muito tempo aos jornalistas, afirmando «se a tecnologia fosse “pesada” e muito complexa, o tempo que era dedicado à montagem ou à pesquisa de imagens comprometia a própria investigação noticiosa. Mas como a tecnologia é acessível e é de fácil uso, não há uma grande perda do tempo disponível para se fazer a notícia que seja roubada à investigação jornalística, o que é o essencial – buscar os factos, confirmá-los, fazer a estória e publicá-la»². Desta maneira, Alcides Vieira atribui uma grande importância à tecnologia, declarando que «é a tecnologia que permite isso»³ e que seria um erro não aproveitar as potencialidades oferecidas pelas tecnologias da informação e comunicação.

Ainda a propósito dos fatores tecnológicos, a quase totalidade dos sujeitos inquiridos (97,1% = 84,1% [sim] + 13% [talvez]) entende que a instalação de servidores de vídeo na redação contribui para que os jornalistas editem em vídeo conteúdos informativos televisivos. Por outra parte, nenhum sujeito que compõem a amostra assinala a resposta “não” e apenas dois respondentes (2,9%) indicam que “não sabe”. É pertinente salientar que a totalidade dos jornalistas auscultados (100%) aponta o uso de servidores de vídeo na redação televisiva como razão para estes editarem em vídeo conteúdos noticiosos televisivos.

Tudo leva a crer que, se, na redação, não estivessem implementados sistemas de edição não linear de vídeo, os jornalistas não editariam em vídeo conteúdos informativos televisivos de uma forma generalizada. Tal como sublinha o diretor de informação da SIC, seria impraticável instalar, na redação, as ilhas de edição linear de vídeo necessárias para que os jornalistas editassem em vídeo conteúdos noticiosos televisivos, porque os equipamentos audiovisuais ocupam muito espaço (pelo menos dois monitores, um leitor de vídeo, um gravador de vídeo e uma consola), são muito caros, devido aos equipamentos audiovisuais necessários, e o uso deste tipo de equipamentos requer muitos conhecimentos técnicos, exigindo um grande processo de aprendizagem por parte dos profissionais.

Estes resultados vão ao encontro dos obtidos em outros estudos (Boucher, 1999; Cottle & Ashton, 1999; Crocomo, 2001; García Avilés & León, 2002; Rintala & Suolonen, 2005; García Avilés, 2006, 2010; Curzon, 2007; Silcock, 2007; Cabral, 2008; Boni, 2010; García Avilés *et al.*, 2009; Vizeu & Cabral, 2009; Aguilar-Gutiérrez & López-De-Solís, 2010; Waldman *et al.*, 2011; Souza Filho & Correia, 2012; Souza Filho, 2015), assinalando que o facto de os jornalistas assumirem a função/ tarefa de editar em vídeo conteúdos noticiosos televisivos é uma das principais consequências da digitalização das redações informativas televisivas, nomeadamente devido à implementação de sistemas digitais de edição não linear de vídeo, facultando um editor de vídeo com uma interface amigável e de utilização simples e baseado em servidores de vídeo com grande capacidade de armazenamento e ligados em rede.

3.2 Fatores organizacionais

Acerca dos fatores organizacionais, na opinião da esmagadora maioria dos inquiridos (82,6%), as chefias da SIC, ao atribuírem a função/ tarefa de editar em vídeo conteúdos tele-

2. In entrevista a Alcides Vieira, realizada no dia 11 de novembro de 2011.

3. In entrevista a Alcides Vieira, realizada no dia 11 de novembro de 2011.

visivos de cariz informativo aos jornalistas, não têm o propósito de melhorar a qualidade dos mesmos. Por norma, os profissionais da informação noticiosa televisiva, designadamente os jornalistas e os repórteres de imagem, reconhecem que os editores de imagem são os indivíduos que estão melhor preparados para editar em vídeo conteúdos informativos televisivos. Por consequência, em termos formais, onde se inclui a construção das narrativas audiovisuais noticiosas, são os conteúdos jornalísticos televisivos montados pelos editores de imagem que apresentam mais qualidade.

Porém, o diretor de informação da SIC defende que, na atualidade, a rapidez com que são disponibilizados os conteúdos noticiosos televisivos é um critério de qualidade muito valorizado pelas audiências, desde que a qualidade jornalística não seja colocada em causa. Deste modo, no atual contexto informativo, para Alcides Vieira, os conteúdos jornalísticos televisivos que chegam primeiro aos públicos são os que têm mais qualidade. A este propósito, Nelson Traquina (2004: 77) escreve que «num campo marcado pela concorrência, a importância deste valor estabelece a própria lei do ganho do jornalismo: quem ganha é quem primeiro dá a notícia». Como se irá ver mais adiante, com a aplicação desta medida, as chefias da SIC pretendem que os conteúdos informativos televisivos sejam disponibilizados às suas audiências com a maior brevidade possível.

Por outra vertente, a diversidade na oferta é outro aspeto relacionado com a qualidade muito importante (Lopes, 1999, 2008; Cádima, 2002; Brandão, 2010; Sena, 2011). Tal como evidencia Nuno Goulart Brandão (2010: 107), «a informação televisiva de qualidade implica que exista diversidade de contextualização, de temáticas e de territórios (...)». Desta forma, como se irá ver mais à frente, com a implementação desta medida, as chefias da SIC também procuram aumentar a diversidade da oferta noticiosa e não apenas da informação diária, mas também da informação não diária.

Por outra parte, regista-se que a quase totalidade dos profissionais da informação auscultados (94,2% = 75% [sim] + 18,8% [talvez]) considera que o surgimento do canal noticioso televisivo, neste caso particular da *SIC Notícias*, e respetivo funcionamento, contribui para que os jornalistas do presente operador assumam a função/ tarefa de editar em vídeo conteúdos informativos, porque existiu a necessidade de aumentar a produção noticiosa televisiva.

Antes do aparecimento da *SIC Notícias*, em 2001, a SIC, enquanto canal generalista, emitia três programas noticiosos, destacando-se o das 13 horas, o ‘Primeiro Jornal’ e, principalmente, o das 20 horas, o ‘Jornal da Noite’⁴. Com o nascimento do canal informativo, a produção noticiosa teve obrigatoriamente de aumentar, de forma a “abastecer” os vários serviços regulares noticiosos, geralmente de hora a hora. Deste modo, uma forma encontrada pelas chefias para aumentar a quantidade de conteúdos noticiosos televisivos foi atribuir a função/ tarefa de editar em vídeo conteúdos informativos televisivos aos jornalistas.

Nesta linha, constata-se que a esmagadora maioria dos profissionais da informação inquiridos (88,4% = 76,8% [sim] + 11,6% [talvez]) acredita que as chefias da SIC, ao criarem as

4. O outro programa informativo era denominado por ‘Último Jornal’, tendo sido emitido, entre 1992 e 2001, sem um horário fixo, mas sendo transmitido sempre depois da meia-noite, com uma duração variável entre os 15 e 30 minutos.

condições necessárias para que os jornalistas editem em vídeo conteúdos informativos televisivos, pretendem agilizar os processos de produção de conteúdos noticiosos.

Sobre este assunto, o diretor de informação da SIC destaca que, no contexto de um canal de 24 horas de informação, é muito importante a agilidade, de forma a disponibilizar, às suas audiências, os conteúdos jornalísticos televisivos no mais curto espaço de tempo.

Antes de os jornalistas televisivos editarem em vídeo, os seus conteúdos informativos eram, por regra, montados pelos editores de imagem nas salas de montagem. Contudo, o número de editores de imagem e, principalmente, de salas de montagem são muito inferiores ao número de jornalistas. Com efeito, os jornalistas tinham de esperar, por vezes, horas, pela sua vez para montar com um editor de imagem, dado que as salas de montagem estavam quase sempre ocupadas. Esta situação era aceitável quando os operadores televisivos só concebiam conteúdos jornalísticos para os poucos programas noticiosos dos canais generalistas e, nestes casos, havia tempo para esta prática.

Com o surgimento do canal televisivo de 24 horas de informação, os serviços regulares noticiosos são transmitidos de hora a hora e os conteúdos jornalísticos televisivos têm de ficar concluídos no mais curto espaço de tempo. Assim, como uma parte dos conteúdos noticiosos difundidos nos diversos blocos informativos do canal de 24 horas de informação só necessita de operações simples de edição, como sejam os *talking heads*⁵ e os *clips off*⁶, os jornalistas podem editar em vídeo a partir dos seus próprios computadores sem a necessidade de se deslocarem às salas de montagem.

Ainda nesta linha, a ampla maioria dos indivíduos que compõem a amostra inquirida (85,5% = 68,1% [sim] + 17,4% [talvez]), mesmo os editores de imagem (69,3%), está consciente de que, no contexto de um canal de 24 horas de informação, é imprescindível que alguns dos conteúdos noticiosos televisivos sejam editados em vídeo por jornalistas.

A este respeito, o diretor de informação da estação de televisão de Carnaxide lembra que um canal de 24 horas de informação trouxe muito mais trabalho e há trabalho que pode ser feito de imediato, quase de forma indiferenciada, isto é, que necessita de uma qualificação mínima, como seja a montagem de *talking heads* e *clips off*. Na perceção de Alcides Vieira, seria muito difícil ter canais de 24 de horas de notícias a funcionar se os jornalistas não editassem em vídeo alguns dos conteúdos informativos.

3.3. Fatores económico-financeiros

A SIC é uma empresa privada e, como tal, os aspetos económico-financeiros são determinantes. Como prova disso, basta consultar os diversos Relatórios e Contas do grupo IMPRESA⁷,

5. *Talking head* ou, simplesmente, TH, é uma curta intervenção, declaração ou depoimento, na íntegra ou parte, de uma personalidade que é “lançado” pelo próprio apresentador do programa jornalístico, não havendo desenvolvimento da notícia.

6. *Clip off*, também denominado por *off 2* (porque o termo *off* é usado para nomear a voz-off), é uma sequência de imagens geralmente com o correspondente som ambiente, não atingindo um minuto de duração, cuja narração é feita pelo próprio apresentador do programa informativo, ou seja, o texto jornalístico que acompanha as imagens é lido, em direto, pelo Pivô.

7. Documentos disponíveis em www.impresa.pt/investor/relatorios-e-contas.

onde se integra a empresa SIC, para se perceber que existe uma preocupação permanente no que se refere à redução de custos. Por exemplo, no Relatório e Contas de 2001⁸ vem escrito que, no ano em que arrancaram as emissões do canal televisivo *SIC Notícias*, foi iniciado um processo de reestruturação interno, com o propósito de reduzir os custos e obter uma maior eficiência e flexibilidade em alguns setores da empresa. Deste modo, verificou-se uma redução do quadro de pessoal.

O mesmo documento destaca que, no ano seguinte, a implementação da estratégia de contenção e de redução de custos é para continuar. E assim foi, «o ano de 2002 foi marcado por um enorme esforço de redução de custos, que incidiu principalmente sobre os custos de programação na televisão, sobre os custos com pessoal e num controle apertado dos custos variáveis»⁹.

O diretor de informação da SIC, que, para além de gestor editorial, é o responsável pela gestão orçamental, diz que, ao atribuírem aos jornalistas a função/ tarefa de editar em vídeo conteúdos informativos televisivos, não é uma medida economicista, mas sim um ato de gestão. Na opinião de Alcides Vieira, as prioridades editoriais devem servir melhor os públicos e o importante é manter a qualidade da informação.

Por outra parte, apercebe-se que a esmagadora maioria dos inquiridos (88,4% = 71% [sim] + 17,4% [talvez]) considera que as chefias da SIC, ao encarregarem os jornalistas de editarem em vídeo conteúdos informativos televisivos, procuram reduzir os custos inerentes à produção noticiosa televisiva.

Neste seguimento, uma das formas de diminuir os custos de conceção de conteúdos noticiosos televisivos passa pela redução dos custos com o pessoal, isto é, pelos despedimentos de profissionais da informação televisiva (Waldman *et al.*, 2011).

De acordo com o diretor de informação da SIC, esta medida não foi posta em prática com o propósito de despedir os editores de imagem. Na verdade, na altura em que os jornalistas da SIC começaram a editar em vídeo, ou seja, em 2000, não foram despedidos editores de imagem. Pelo contrário, até foram contratados alguns editores de imagem, mais concretamente seis profissionais. Segundo o coordenador dos editores de imagem da SIC, Domingos Ferreira, no mês de dezembro de 1999, o setor da edição de imagem da SIC era composto por 19 editores de imagem e, um ano depois, na altura em que estavam prestes a arrancar as emissões da *SIC Notícias*, este setor era formado por 25 profissionais.

Entre os anos 2001 e 2003, o setor dos editores de imagem foi reduzido para 20 profissionais. Todavia, esta redução não esteve relacionada com despedimentos, mas sim com a transferência de serviço de alguns profissionais, como por exemplo para a realização ou para o departamento de informática. Para Domingos Ferreira, estas mudanças não foram impostas pelas chefias, mas por vontade dos próprios.

Em declarações publicadas na época em que os jornalistas da SIC enquanto canal generalista começavam a editar em vídeo conteúdos informativos, isto é, em novembro de 2003, Alcides

8. Relatório Consolidado de Gestão de 2001 disponível em www.impresa.pt/folder1/impresa/images/articles/31/MPRESARelContas2001.pdf.

9. Relatório Consolidado de Gestão de 2002, p. 2, disponível em: www.impresa.pt/folder1/impresa/images/articles/33/IMPRESARelContas2002.pdf.

Vieira afirmava que «não há uma substituição dos jornalistas pelos editores de imagem»¹⁰, referindo que apenas as matérias mais simples iriam ser editadas pelos jornalistas, dado que «não pode haver perda de qualidade. É só naquelas peças mais rápidas que não obrigam a que o jornalista esteja à espera de um editor de imagem disponível»¹¹. Não obstante, tal como vem publicado, nesta altura, estava em curso a redução de pessoal no setor da edição de imagem. «Dos cerca de 20 editores, quatro serão dispensados num processo que Alcides Vieira diz que “já estava previsto”»¹². Em 2004, o setor da montagem era composto por 14 editores de imagem. Na opinião do coordenador dos editores de imagem, não há qualquer dúvida que existiu uma relação causa-efeito entre as dispensas verificadas e o facto de os jornalistas editarem em vídeo.

Outra forma encontrada pelas empresas televisivas para atenuar os custos de produção noticiosa televisiva prende-se com a otimização dos recursos existentes, como sejam os humanos e os tecnológicos.

Relativamente aos recursos humanos, para a vasta maioria dos indivíduos que constituem a amostra (81,1% = 50,7% [sim] + 30,4% [talvez]), as chefias da SIC, ao instituírem a edição de imagem de conteúdos noticiosos televisivos a ser efetuada pelos jornalistas, ambicionam otimizar os recursos humanos existentes. Acerca desta questão, o diretor de informação da SIC assume que esta medida tem esse propósito, sublinhando que, para além de desempenharem mais uma função/ tarefa, se os jornalistas não editassem em vídeo uma parte dos conteúdos informativos televisivos, teriam de ser contratados muitos mais editores de imagem e, para além disso, teriam de ser instaladas mais salas de montagem, o que aumentaria em muito os custos de produção noticiosa televisiva.

Ainda sobre a otimização dos recursos humanos, Alcides Vieira refere que, com os jornalistas a editarem em vídeo os conteúdos noticiosos televisivos mais simples, os editores de imagem têm mais tempo para se dedicarem aos conteúdos informativos mais exigentes, como sejam as média ou grandes reportagens ou as reportagens especiais, porque é nestes trabalhos que os editores de imagem fazem a diferença, acrescentando mais valor, ou seja, mais qualidade.

A este respeito, verifica-se que a grande maioria dos inquiridos (79,7% = 50,7% [sim] + 29% [talvez]) considera que, com a implementação da medida em análise, as chefias da SIC querem libertar os editores de imagem para trabalhos jornalísticos que exigem uma montagem mais cuidada e complexa.

No que se refere aos recursos tecnológicos, observa-se que a esmagadora maioria dos inquiridos (87% = 60,9% [sim] + 26,1% [talvez]) entende que, com a introdução da medida em estudo, as chefias da SIC têm em vista a rentabilização dos recursos tecnológicos presentes na redação jornalística.

Os custos de produção também podem ser minorados se existir uma melhor racionalização dos recursos tecnológicos existentes. Por exemplo, os computadores que são utilizados pelos

10. *In* Correio da Manhã, 11 novembro 2003, «Redacções juntas», disponível em: www.cmjornal.xl.pt/detalhe/noticias/lazer/tv-media/redaccoes-juntas.

11. *In* Correio da Manhã, 11 novembro 2003, «Redacções juntas», disponível em: www.cmjornal.xl.pt/detalhe/noticias/lazer/tv-media/redaccoes-juntas.

12. *In* Correio da Manhã, 11 novembro 2003, «Redacções juntas», disponível em: www.cmjornal.xl.pt/detalhe/noticias/lazer/tv-media/redaccoes-juntas.

jornalistas suportam, na maior parte dos casos, a instalação de um *software* de edição de vídeo. Assim, com os jornalistas a editar em vídeo uma parte dos conteúdos informativos televisivos deixa de ser necessário implementar novas salas de montagem.

O diretor de informação da SIC, aquando da integração das redações jornalísticas da SIC generalista e da *SIC Notícias* numa única redação noticiosa, em novembro de 2003, justificava a tomada desta medida devido a uma «maior racionalidade de meios e de gestão das equipas»¹³.

3.4. Fatores relacionados com as audiências

No que concerne aos fatores relacionados com as audiências, a maioria dos inquiridos (55% = 24,6% [sim] + 30,4% [talvez]) pensa que as chefias da SIC, através da vigência da medida em examinação, pretendem satisfazer as atuais necessidades informativas dos seus públicos/consumidores.

No entender do diretor de informação da SIC, as audiências de um canal televisivo de 24 horas de notícias são públicos que querem a informação em qualquer hora, independentemente do sítio onde estejam. Assim sendo, os canais de 24 horas de informação surgiram com a missão de satisfazer as necessidades informativas das suas audiências, que procuram o acesso à informação jornalística em qualquer momento e em qualquer lugar. Por consequência, tal como é destacado por Alcides Vieira, as redações televisivas tiveram de adaptar-se às exigências dos públicos e não o inverso, isto é, os públicos à exigência da informação como acontecia até então. Por isso, tal como é explicado pelo diretor de informação da SIC, houve a necessidade de reajustar os métodos de trabalho da organização noticiosa.

Numa entrevista concedida ao jornal *Correio da Manhã*¹⁴, em 2004, o diretor de informação da SIC fez um balanço muito positivo acerca da fusão das redações jornalísticas da SIC enquanto canal generalista com a *SIC Notícias*, afirmando que «unir esforços e meios no sentido de responder na hora às solicitações dos públicos, que exigem informação a qualquer hora e em qualquer momento»¹⁵, acrescentando que «já não são os telejornais a determinar os hábitos de consumo de informação dos telespetadores, são os públicos a determinar quando querem a informação e as redações têm de estar preparadas para isso»¹⁶, concluindo «quem não tiver essa capacidade para responder na hora vai perder o comboio da competitividade»¹⁷.

Tal como evidencia Alcides Vieira, a reorganização da redação teve de ser feita em função da oferta, dos ritmos e da exigência dos públicos. Para o diretor de informação da SIC, os públicos de um canal de 24 horas de notícias são públicos que querem a informação em qualquer hora, independentemente do local onde se encontra. Desta forma, os públicos, devido ao ritmo social,

13. *In* Correio da Manhã, 11 novembro 2003, «Redacções juntas», disponível em: www.cmjornal.xl.pt/detalhe/noticias/lazer/tv-media/redaccoes-juntas.

14. *In* Correio da Manhã, 10 de setembro de 2004, «Entrevista: Alcides Vieira», disponível em: www.cmjornal.xl.pt/detalhe/noticias/lazer/tv-media/pedi-ao-dr-balsemao-para-reunir-uma-vez-por-mes-com-a-redacao.

15. *In* Correio da Manhã, 10 de setembro de 2004, «Entrevista: Alcides Vieira», disponível em: www.cmjornal.xl.pt/detalhe/noticias/lazer/tv-media/pedi-ao-dr-balsemao-para-reunir-uma-vez-por-mes-com-a-redacao.

16. *In* Correio da Manhã, 10 de setembro de 2004, «Entrevista: Alcides Vieira», disponível em: www.cmjornal.xl.pt/detalhe/noticias/lazer/tv-media/pedi-ao-dr-balsemao-para-reunir-uma-vez-por-mes-com-a-redacao.

17. *In* Correio da Manhã, 10 de setembro de 2004, «Entrevista: Alcides Vieira», disponível em: www.cmjornal.xl.pt/detalhe/noticias/lazer/tv-media/pedi-ao-dr-balsemao-para-reunir-uma-vez-por-mes-com-a-redacao.

obrigaram que as redações informativas se alterassem. Assim, as redações tiveram de adotar tecnologias que respondessem às demandas dos públicos. Em suma, as redações tiveram de se adaptar a esta realidade.

3.5. Fatores concorrenciais

Sobre os fatores concorrenciais, verifica-se que os outros canais televisivos de 24 horas de notícias portuguesas (73,9% = 44,9% [sim] + 29% [talvez]) e os novos *media* noticiosos, designadamente os disponibilizados via *web* (66,6% = 30,4% [sim] + 36,2% [talvez]) contribuem para que os jornalistas editem em vídeo conteúdos noticiosos televisivos.

Atualmente, nas palavras de Alcides Vieira, o grande concorrente dos canais de 24 horas de notícias são os próprios canais de informação, já que todos pretendem ser os primeiros a dar a notícia.

Por outra parte, nos últimos tempos, tem havido uma grande aposta na componente *online* por parte dos operadores generalistas televisivos, possuindo todos, na redação, uma secção multimédia.

No entanto, segundo o diretor de informação da SIC, na altura em que os jornalistas da SIC começaram a editar em vídeo conteúdos informativos, o grande concorrente foi, curiosamente, a rádio. Na época em que os conteúdos noticiosos televisivos editados em vídeo pelos jornalistas começaram a ser transmitidos na *SIC Notícias*, ou seja, em 2001, ainda não existiam os outros canais televisivos de notícias, isto é, a *RTP 3*, que surgiu em 2004 com a denominação de *RTP N* e mais tarde designada por *RTP Informação*, e a *TVI24*, que começou a transmitir em 2009. A *SIC Notícias* era um canal de televisão que tinha as características de comunicação da rádio, tendo o mesmo papel. Alcides Vieira chega mesmo a afirmar que a *SIC Notícias* era «uma rádio com imagens»¹⁸.

4. Conclusões

Relativamente aos fatores que contribuem para que os jornalistas televisivos desempenhem a função/ tarefa de edição de vídeo de conteúdos noticiosos televisivos, segundo os resultados apurados, estas devem-se à conjugação de diversos fatores, a saber: tecnológicos; organizacionais; económico-financeiros; referentes às audiências e concorrenciais.

Uma das principais causas está relacionada com os avanços tecnológicos, mais concretamente com a implementação de sistemas digitais de edição não linear de vídeo nas redações televisivas, baseados, por um lado, em editores de vídeo com interfaces amigáveis e de utilização simples, e, por outro, em servidores de vídeo com grande capacidade de armazenamento e ligados em rede. Os jornalistas editam em vídeo a partir dos computadores que se encontram instalados na própria redação e não em salas de montagem. A este propósito, na redação central da SIC, os jornalistas montam os seus conteúdos noticiosos nos mesmos computadores que utilizam para realizar outras tarefas informativas, como sejam: a pesquisa na *web*; o contacto com

18. In entrevista a Alcides Vieira, realizada no dia 11 de novembro de 2011.

as fontes de informação; escrita do texto jornalístico que irá dar origem à voz-off; entre outras tarefas.

Outros fatores determinantes são os organizacionais, pois, com o aparecimento dos canais de 24 horas de informação, a redação central da SIC teve de aumentar a produção noticiosa televisiva. Com efeito, a SIC começou a ter mais espaços jornalísticos para “abastecer” com conteúdos informativos. Por isso, as chefias tiveram de encontrar formas de agilizar os processos de produção de conteúdos noticiosos, por um lado, para aumentarem a produção jornalística e, por outro, para disponibilizarem os conteúdos com a maior brevidade possível.

Outros fatores igualmente importantes são os económico-financeiros. A redação analisada faz parte de um operador privado de televisão e, assim sendo, as questões económico-financeiras ganham mais relevo, no sentido em que as empresas comerciais visam o lucro. Com a implementação da medida em examinação, as chefias procuram reduzir os custos de produção e otimizar os recursos existentes, nomeadamente os humanos e os tecnológicos. No que toca aos recursos humanos, se os jornalistas não editassem em vídeo, teriam de ser contratados muitos mais editores de imagem. Por outro lado, com os jornalistas a montar os conteúdos informativos que exigem uma edição mais simples, os editores de imagem podem dedicar-se aos conteúdos jornalísticos que requerem uma montagem mais cuidada. No que se refere aos recursos tecnológicos, para além de se contratar um grande número de editores de imagem, teriam de ser instaladas mais salas de montagem, o que implicaria criar mais espaços físicos e adquirir mais equipamentos audiovisuais para a montagem, o que acarretaria muitos mais custos.

Outros fatores como os relacionados com as audiências também contribuem para que os jornalistas editem em vídeo conteúdos informativos. O público de um canal televisivo de 24 horas de informação é uma audiência que quer a informação em qualquer hora e em qualquer lugar. Daí, os canais de informação continuam a possuir como principal missão satisfazer as necessidades jornalísticas dos seus públicos. Por este motivo, as redações televisivas tiveram de adaptar-se às novas necessidades dos seus públicos, tendo existido um reajustamento dos métodos de trabalho.

No que concerne aos fatores concorrenciais, presentemente o grande corrente dos canais de 24 horas são os próprios canais de informação. Todos querem ser o primeiro a disponibilizar os conteúdos informativos. Por isso, esses conteúdos têm de ser difundidos no mais curto espaço de tempo. Por outro lado, nos últimos anos, tem existido uma grande aposta na componente *on-line* por parte dos operadores generalistas televisivos, possuindo todos, na redação, uma secção multimédia.

5. Referências bibliográficas

- Aguilar-Gutiérrez, M. & López-de-Solís, I. (2010). Nuevos modos de trabajo de una redacción digital integrada: el caso de los servicios informativos de TVE. *El profesional de la información*, 19 (4): 395-403.
- Boni, F. A. (2010). *O aparelho e a representação do real na edição de imagens no telejornalismo*. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual Londrina, Brasil.

- Boucher, R. (1999). Breaking from the past with desktop journalist editing. *Digital Television Magazine*.
- Brandão, N. G. (2010). *As notícias nos telejornais: que serviço público para o século XXI*. Lisboa: Editora Guerra & Paz.
- Cabral, Á. M. (2008). A edição não linear digital e a construção da notícia no telejornalismo contemporâneo. *Atas do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*. Brasil: INTERCOM.
- Cádima, F. R. (2002). Televisão, serviço público e qualidade. *Observatório*, 6.
- Canelas, C. (2013). *O binómio jornalista-editor de imagem na produção noticiosa televisiva: causas e consequências*. Tese de Doutoramento, Universidade de Aveiro, Portugal.
- Cottle, S. & Ashton, M. (1999). From BBC Newsroom to BBC Newscentre: on changing technology and journalist practices. *Convergence: The International Journal of Research into New Media Technologies*, 5 (3): 22-43.
- Crocomo, F. A. (2001). *O uso da edição não-linear digital: as novas rotinas no telejornalismo e a democratização de acesso à produção de vídeo*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil.
- Curzon, J. (2007). Changes in video editing: broadcast workflows have shifted, allowing journalists and production staff to edit their own video. *Broadcast Engineering*: 16-21.
- García Avilés, J. A. (2006). *El periodismo audiovisual ante la convergencia digital*. Espanha: Universidad Hernández.
- García Avilés, J. A. (2010). Convergencia en noticias Cuatro y CNN+: una transición incompleta. In X. López Garcia & X. Pereira Fariña (coords.), *Convergencia digital: reconfiguración de los medios de comunicación en España* (pp. 213-222). Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela.
- García Avilés, J. & León, B. (2002). Journalistic practice in digital television newsrooms: the case of Spain's Tele 5 and Antena 3. *Journalism*, 3 (3): 355-371.
- García Avilés, J. A.; Meier, K.; Kaltenbrunner, A.; Carvajal, M. & Kraus, D. (2009). Newsroom integration in Austria, Spain and Germany. *Journalism Practice*, 3 (3): 1-19.
- Henderson, K. (2012). Narratives in local television news editing. *Electronic News*, 6 (2): 67-80.
- Lopes, F. (1999). *O telejornal e o serviço público*. Coimbra: Minerva.
- Lopes, F. (2008). *A TV do real: a televisão e o espaço público*. Coimbra: Minerva.
- Pavlik, J. (2000). The impact of technology on journalism. *Journalism Studies*, 1 (2): 229-237.
- Rintala, N. & Suolanen, S. (2005). The implications of digitalization for job descriptions, competencies and the quality of working life. *Nordicom Review*, 26 (2): 53-67.
- Salaverría, R. & García Avilés, J. A. (2008). La convergencia tecnológica en los medios de comunicación: retos para el periodismo. *Trípodos*, 23: 31-47.
- Sena, N. M. (2011). *A televisão por dentro e por fora*. Coimbra: Minerva.